CASTRO, Celso (org.). 2005. *Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Rio de Janeiro: Zahar. 127 pp.

Íris Morais Araújo
USP

É digna de nota a iniciativa de Celso Castro de organizar *Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer*. Este volume apresenta, pela primeira vez em língua portuguesa, trabalhos de três dos fundadores da Antropologia, à luz de uma cuidada apresentação do próprio organizador. Sua importância é fundamental, na medida em que se abre a possibilidade de compreender a formulação da antropologia como empreendimento científico. Nesse sentido, cabe lembrar que são os evolucionistas os primeiros a afirmar a unidade biológica humana, explicando as diferenças entre sociedades a partir de uma classificação das mesmas segundo diferentes graus de desenvolvimento – cujo parâmetro é a produção material da existência no mundo moderno – e afirmando leis gerais válidas para qualquer grupo social.

Nos textos que compõem este volume, é possível acompanhar a formação dessa escola e, dessa maneira, da própria teoria antropológica, tomando como ponto de partida a sua heterogeneidade de temas, questões e abordagens presentificada nos textos selecionados. Assim, tem-se em *Evolucionismo Cultural* trabalhos bem distintos entre si: o prefácio e parte do primeiro capítulo de *A Sociedade Antiga* (1877), de Lewis Henry Morgan; o primeiro capítulo de *Cultura Primitiva* (1871), de Edward Burnett Tylor; e também a palestra "O Escopo da Antropologia Social", proferida por James George Frazer em 1908.

Em relação ao primeiro trabalho citado, pode-se dizer que o motor do estudo de Morgan é o entendimento da trajetória da humanidade, da selvageria à civilização, tendo como material empírico a análise de povos que se encontrariam nesses estágios distintos de desenvolvimento. Caberia, desse modo, observar especialmente formas de família, propriedade, tecnologia e governo de grupos que se encontrariam nesses diferentes estágios: dos mais selvagens (australianos e polinésios), passando pelos bárbaros (índios americanos) e chegando aos civilizados (gregos e romanos).

Já o capítulo selecionado da obra de Tylor, "A Ciência da Cultura", é aquele em que se enuncia uma primeira definição de cultura. Trata-se de um conceito caro ao pensamento antropológico, que é desenvolvido principalmente em momentos posteriores à tradição evolucionista. Cabe lembrar então que, em Tylor, como assinala Celso Castro em sua "Apresentação", a idéia de cultura não é a mesma que vigora na Antropologia de hoje, já que ela é tomada como um correspondente da idéia de

civilização. Este último termo relaciona o entendimento de cultura ao de hierarquia, como se algum conjunto de conhecimentos, crenças, artes, leis e costumes adquiridos em sociedade – tem-se aí o conceito desse termo em questão, segundo o antropólogo inglês – fosse um arranjo privilegiado em relação aos demais.

Segundo essa perspectiva, para Tylor, qualquer cultura poderia ser estudada segundo princípios gerais, tornando-se assim via de acesso às leis do pensamento e da ação humana. Estas, por sua vez, seriam pautadas pela comparação, a partir de um trabalho de recolhimento de dados promovido pelo antropólogo, entre culturas simples e complexas, compreendendo, dessa forma, a evolução das mesmas.

A palestra de Frazer, por sua vez, foi pronunciada em 1908, momento em que este antropólogo já era personalidade consagrada. Afinal, dezoito anos antes, o autor iniciaria a publicação de *O Ramo de Ouro,* obra que o faria famoso e que só seria concluída em 1915. É nesse meio-tempo que, recebendo o convite da Universidade de Liverpool para ocupar a primeira cadeira de *professor* em Antropologia Social, Frazer defende, em sua palestra, a criação de um fundo para enviar expedições antropológicas para coleta de informações. Essa é a tônica do texto "O Escopo da Antropologia Social": trata-se de um esforço em institucionalizar a disciplina na universidade inglesa, na medida em que se propõe, antes de mais nada, a inaugurar uma cadeira de estudos e a reivindicar financiamento para organizar um grande empreendimento antropológico vinculado a diferentes instituições inglesas.

Todo esse empreendimento se justifica, para Frazer, porque seu objetivo com a ciência antropológica é descobrir as leis gerais que estão por trás dos fatos particulares que distinguem os grupos sociais uns dos outros. Isso seria possível por meio da comparação de aspectos diferentes relacionados a esses grupos classificados pelo autor de primitivos. É restringindo o estudo a esses agrupamentos que se poderia descobrir, segundo este antropólogo, princípios humanos que a todos guiam desde o passado da humanidade, e que também seriam fundamentais para seu futuro.

É interessante perceber que essa percepção de Frazer é fundamental para a compreensão dos dilemas que influenciaram a constituição da antropologia como conhecimento científico. Afinal, o evolucionismo é um modo de construir um outro – esforço antropológico por excelência – formulando um modelo de sociedade primitiva; essencialmente oposta à civilizada, nela não reinam o Estado moderno, a família monogâmica ou a propriedade privada. Dessa forma, cabe ressaltar que se cria uma idéia carregada dos sentidos de simplicidade, de rudimentaridade tecnológica e também de que são as primeiras sociedades, aquelas que estão relacionadas a um tempo inicial, a uma origem. Desse modo, a antropologia é criada a partir da diferenciação entre sociedades, a partir de uma linha do tempo, que separa povos mais relacionados ao passado da humanidade e, outros, a seu futuro.

Dessa formulação é que a leitura dos textos reunidos em *Evolucionismo Cultural* permite vislumbrar o que parece ser, além de uma introdução ao evolucionismo, o maior interesse desta coletânea: perceber como, na constituição da agenda de pesquisas e no corpo teórico da disciplina antropológica, criou-se um modelo que afeta certamente o trabalho desse cientista social até os dias de hoje. Ao contrário de muitos dos esforços que foram feitos nessa direção, ainda se trabalha correntemente com essa grande divisão temporal cunhada pelos evolucionistas – sociedade primitiva ou civilizada –, travestida, por exemplo, em termos como sociedade primitiva e complexa, etnologia e antropologia. Repensar essa dicotomia no cotidiano do trabalho antropológico – cujo modo de compreender o tempo no mundo moderno parece ser responsável por sua gênese – é um exercício, dos mais instigantes e necessários, ainda por se fazer.

Íris Morais Araújo *é mestranda em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e membro da comissão editorial da revista Cadernos de Campo.*